

O que dizem as mulheres do Brilho da Lua? Um olhar sobre as percepções das oficinas de letramento digital

Vitória Facundo

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Cátia Luzia Oliveira da Silva

Diêgo de Lima Barros

Introdução

O curso de Sistemas e Mídias Digitais (SMD) é ofertado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e entre as disciplinas ofertadas pelo curso está a de Comunicação que integra a matriz curricular desde 2013 como optativa. Um dos objetivos da disciplina é a superação da visão instrumental das mídias e promoção da conversão da comunicação em processo educativo, primando por valores tais como a democracia, a dialogicidade e a livre expressão comunicativa. Como futuros profissionais de SMD, atuando na área da comunicação, esses valores são essenciais na formação desse profissional. Segundo Cavalcante e

Silva (2015, p.2), a intenção da disciplina é de “contribuir com uma formação mais crítica, mais humanista e mais comprometida com as demandas sociais”. Fundamentada pelas ideias da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996), pelas discussões sobre o novo campo da Educomunicação por Donizete Soares (2006) e Ismar Soares (2000) e sobre as articulações sobre a experiência por Jorge Larossa (2002), as discussões teóricas da disciplina se relacionam com esse campo emergente e com os contextos onde a comunicação e educação se encontram, principalmente a partir das vivências dos próprios alunos, dando ainda mais significado e importância aos assuntos tratados.

Dessa forma, Larossa (2002) afirma que o par teoria e prática estabelece reflexões críticas que possibilitam o sujeito a atuar e se comprometer com ações educativas sob a perspectiva política, no sentido de impactar a si mesmo, os outros ou os espaços que transita, mas não se limita a esse conceito ao propor refletir sobre o par experiência e sentido afirmando que

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (LAROSSA, 2002, p.8).

Portanto, para dar sentido ao que é estudado teoricamente e atuar como sujeito político, algumas atividades práticas são realizadas ao longo do semestre como as aulas-passeio guiadas pelos conceitos de Freinet (1998) e a parceria com o projeto de extensão “UFC e a Comunidade: Formação de Jovens do Planalto Pici” que inicialmente tinha a proposta de trabalhar junto a jovens da comunidade próxima a UFC, porém com a manifestação de interesse das mulheres do Brilho da Lua, as integrantes do grupo passaram a trabalhar conosco.

Assim, a partir do segundo semestre de 2017 se deu início as oficinas de letramento digital com *smartphones* como parte das atividades desenvolvidas na disciplina. O público formado por 15 (quinze) artesãs, com faixa etária entre 40 e 72 anos, com pouco conhecimento em tecnologias, algumas até mesmo com dificuldade na leitura e ligadas à história e aos movimentos do bairro Planalto do Pici, lugar onde moram e onde também se localiza um dos Campi da UFC.

Vale ressaltar que essa ação não se trata de um trabalho desenvolvido para ou pela, mas com a comunidade, com trocas mútuas. Além disso, é dever da sociedade como todo incluir os idosos nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pois o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) garante no Art. 21, parágrafo segundo, a inclusão dos idosos às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, através de cursos especiais. Também é dever da universidade pública voltar suas ações para contribuir com a comunidade.

Assim, as oficinas de letramento digital, ou mesmo alfabetização digital se colocam a serviço desse grupo de mulheres para que estas tenham seu direito garantido de participar também da cultura digital. Demo (2005, p.3) expõe a alfabetização digital como forma de atitude cidadã e diz que “a alfabetização significa habilidade imprescindível para ler a realidade e dela dar minimamente conta, para ganhar a vida [...]. Em especial, é fundamental que o incluído controle sua inclusão”.

As oficinas foram divididas em quatro encontros e abordaram temas como funções básicas do celular, fotografia digital, redes sociais e assuntos ligados a comportamentos na internet. Os encontros foram realizados na própria universidade e essa experiência foi denominada por elas como a “travessia de um portal” se referindo metafóricamente tanto a um buraco no muro que dava acesso ao campus mais facilmente, quanto ao fascínio de estar aprendendo coisas novas e frequentando uma Universidade Federal, pois mesmo morando nas adjacências da UFC, algumas até mesmo desde o início de criação do bairro, a maioria nunca havia entrado ou participado de atividades que são desenvolvidas no ambiente universitário.

Inicialmente as oficinas tinham o objetivo de facilitar o uso dos *smartphones* para que pudessem utilizar as mídias digitais para suas vendas, porém, ao lon-

go dos encontros, percebeu-se que os impactos das oficinas foram além. Para os alunos, foi possível o desenvolvimento da co-gestão no planejamento dos encontros, da empatia com o público de faixa etária incomum, e a prática da extensão proporcionando a religação de saberes defendida por Morin (2011).

Para as mulheres, a independência dos filhos ou netos com relação ao uso do dispositivo móvel, a inserção na cultura digital e nas discussões críticas sobre assuntos como *fake news*, a possibilidade de pesquisar informações que as ajudam no dia-a-dia: tudo isso possibilitou alargar seus horizontes. A cada encontro comentavam sobre suas conquistas no uso dos dispositivos, por isso optamos em focar, neste texto, nos depoimentos delas.

Este trabalho, portanto, tem o objetivo de analisar as falas das mulheres participantes acerca de suas percepções das oficinas. Ao final do período dos encontros realizados no primeiro semestre de 2018, foram realizadas entrevistas com algumas delas e documentadas em áudio ou vídeo tanto por alunos da disciplina para compor seus memoriais quanto por monitores e bolsistas do projeto de extensão para fins de pesquisa.

Este artigo está organizado em três seções além desta Introdução e das Considerações Finais. No próximo tópico comentamos o histórico do bairro e do grupo de mulheres.

Histórico do bairro e do grupo de Mulheres do Brilho da Lua

O Planalto do Pici ou apenas Pici é um dos grandes bairros de Fortaleza/CE em sua extensão com 3,92 km² e população com mais de 40.000 habitantes de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. O bairro apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,218 ocupando a centésima posição de cento e dezenove bairros. Quando comparado ao IDH do primeiro colocado, o bairro do Meireles, com IDH 0,953, percebe-se uma diferença absurda. Nesse contexto está localizado um dos Campi da UFC e onde as Mulheres do Brilho da Lua moram e também se reúnem.

Embora haja algumas controvérsias quanto à origem do nome do bairro a versão mais aceita pelos historiadores, segundo Salgueiro (2014), é a de que esse nome existia desde o século XIX. A família Braga tinha posse de um sítio cente-

nário que ficava na região. O dono por ser fã do romance “O Guarani” de José de Alencar juntou os nomes dos dois personagens principais - Pery e Cecy – batizando-o de Sítio Pery. Muitos outros sítios ao redor foram adotando o nome por já ser muito conhecido.

A Escola de Agronomia da UFC passou a funcionar em 1936 no Sítio Santo Anastácio, um dos sítios das adjacências do Sítio Pery, mas ainda não era parte da universidade, isso só foi ocorrer em 1954. Antes disso, em 1942, a Base Aérea Americana da II Guerra Mundial também instalou um Posto de Comando nas redondezas e levou com ela a energia elétrica e o asfalto as estradas de terra, fazendo com que pessoas e comércios pequenos ocupassem as terras vizinhas desorganizadamente. Oito anos depois, os americanos se retiraram e as primeiras ocupações na área do Pici começaram a acontecer com o surgimento de loteamentos irregulares. Em 1980, a própria comunidade dividiu os lotes de terra e em 2000 a prefeitura construiu conjuntos habitacionais, aumentando mais ainda o número de moradores sem posse de terra (FORTALEZA 2040, 2015).

A região continuava crescendo sem controle e sem infraestrutura. Foi então que em 2005 deu-se início ao projeto de Regularização Cidadã com a Implementação de ZEIS - Zonas Especiais de Interesse Social. As ZEIS são áreas demarcadas de assentamentos habitacionais de população de baixa renda para serem regularizados através de um plano urbanístico. O Projeto visa garantir o título de posse da terra a mil famílias beneficiando as quatro comunidades existentes no bairro: Lua, Feijão, Fumaça e Tancredo Neves. Até 2019 essas ZEIS deverão estar regulamentadas e com seus planos em execução sendo coordenados pelo poder público, sociedade civil, ONGs e universidades (FORTALEZA 2040, 2015).

Em meio a todo esse processo de estruturação do bairro, estão as Mulheres do Brilho da Lua¹, denominadas assim por fazerem parte da comunidade da Lua. O grupo iniciou em 1992 coordenado pela Associação de Organizadores

1 A história do Grupo é contada por Leonardo Sampaio e Lúcia Vasconcelos no blog de Leonardo Sampaio (leonardofsampaio.blogspot.com), envolvido desde jovem em movimentos sociais, ONGs e Movimentos Sindicais. Tem formação superior em Pedagogia e especialização em formação de Professores de Comunidades Quilombolas. Atua como professor na rede municipal de ensino de Fortaleza.

Sociais e Serviços - AMORA onde desenvolviam, inicialmente, ações na comunidade junto a Saúde Sanitária e Serviço Social. As mulheres em geral estavam muito atuantes nesses movimentos e passaram a receber formações sobre cuidados e ações preventivas, incluindo plantas medicinais e seus direitos. Com o despertar dos saberes populares, muitas pessoas contribuíram para que esses conhecimentos fossem expandidos, a exemplo a Dra. Auxiliadora, do Curso de Medicina da UFC, o Dr. Abreu Matos, do Curso de Fitoterapia da UFC, o Dr. Adalberto Barreto, Psiquiatra e criador do Projeto de Saúde Mental Comunitária do Pirambu, a Pastoral da Criança e D. Marina, que sugeriram a organização popular do grupo de mulheres com o “objetivo de realizar ações voltadas para os interesses comunitários e políticas feministas de direitos e cidadania capazes de contemplar estudo, formação, trabalho, renda, cultura, lazer, cuidados com a saúde” (SAMPAIO E VASCONCELOS, 2015).

Com novos conhecimentos adquiridos, desenvolveram a primeira intervenção feita pelo grupo, o Horto de Plantas Medicinais Raimunda Silva onde acontecia “educação alimentar, agroecologia, preservação do meio ambiente, gastronomia, fitoterapia, alfabetização de jovens e adultos, economia solidária e agricultura urbana, educando crianças no trato com a terra, adubagem e a produção alimentar orgânica” (SAMPAIO E VASCONCELOS, 2015). A sede do grupo se localiza na rua Entrada da Lua, no salão São Francisco, onde até hoje elas se reúnem para a produção de artesanatos, principalmente bonecas de pano que são vendidas em feiras artesanais e nos terminais rodoviários de Fortaleza integrando a rede de Economia Solidária do Brasil. Além da produção artesã, o grupo também continua com formações sobre gênero, empreendedorismo, saúde, cultura popular, agroecologia e TICs, esta última sendo inserida no calendário do grupo a partir das oficinas de letramento digital que serão detalhadas no próximo tópico.

Oficinas de Letramento Digital

A metodologia adotada nas oficinas consistia em oficinas pedagógicas, segundo Facundo e Santos (2018) “onde a relação teoria – prática constitui o fundamento do processo pedagógico” (FIGUEIRÊDO *et al*, 2006). Em 2017 a turma de Educomunicação se encontrava às quartas-feiras, de 14h às 18h, mesmo

horário em que as mulheres fazem suas reuniões em sua sede. Num primeiro contato, os alunos puderam sair do bloco didático e ir andando até a Rua Entrada da Lua para conhecer seu espaço e um pouco de cada uma das mulheres. De modo igual também aconteceu com a turma do semestre seguinte, 2018.1 porém as aulas passaram a ser em dois dias da semana - segunda e quarta - das 20h às 22h com um número reduzido de alunos, apenas 7 (sete).

A turma se dividiu em duplas para preparem as apresentações de cada oficina e como o número de alunos era ímpar uma pessoa participou da apresentação mais de uma vez. Nas duplas, discutiram sobre o que foi conversado entre as mulheres e sobre a experiência anterior para planejar os encontros seguintes.

Com o planejamento pronto, as oficinas aconteceram aos sábados, pela manhã e envolviam conteúdos voltados para funções básicas do smartphone como ligar e desligar o aparelho, salvar e buscar contatos na agenda; noções de fotografia digital voltada para produtos onde foi abordado algumas funções da câmera do próprio celular e algumas dicas para fotografar e por último, redes sociais como Whatsapp e Facebook. Todo o conteúdo era trabalhado cuidadosamente para ser acessível às mulheres e algumas estratégias foram adotadas pela turma.

O conteúdo foi planejado e repassado com foco na significância dos ícones, tais como a lupa, como ferramenta de busca, para que a assimilação fosse mais rápida. Assim, era explicado o significado das cores e feitas associações dos ícones com objetos do mundo real. As oficinas eram bem práticas, com uma exposição de cada parte intercalada com um tempo para a prática. A ideia era que cada uma das mulheres, ao longo das explicações, fosse experimentando o uso, seguindo as orientações. Para facilitar o processo, optou-se pela orientação individualizada de modo a que cada uma se sentisse mais à vontade para tirar dúvidas e aos poucos ir ganhando confiança” (FACUNDO e SANTOS, 2018 p.166)

Nas imagens abaixo estão alguns exemplos dos *slides* preparados que auxiliavam os encontros. Era necessário que fossem bem visuais, objetivos e com pouco texto.

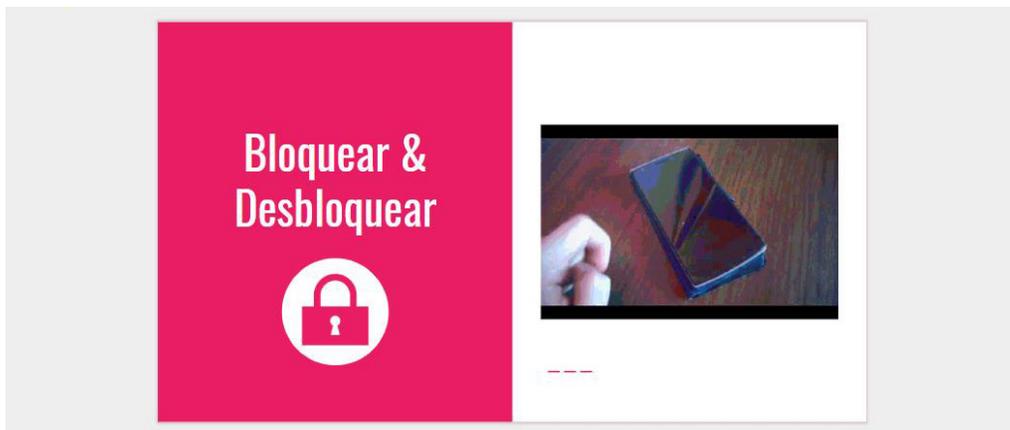


Imagem 1 - Slide da primeira experiência com as mulheres sobre bloqueio e desbloqueio do smartphone com foco no ícone. Fonte: arquivo pessoal

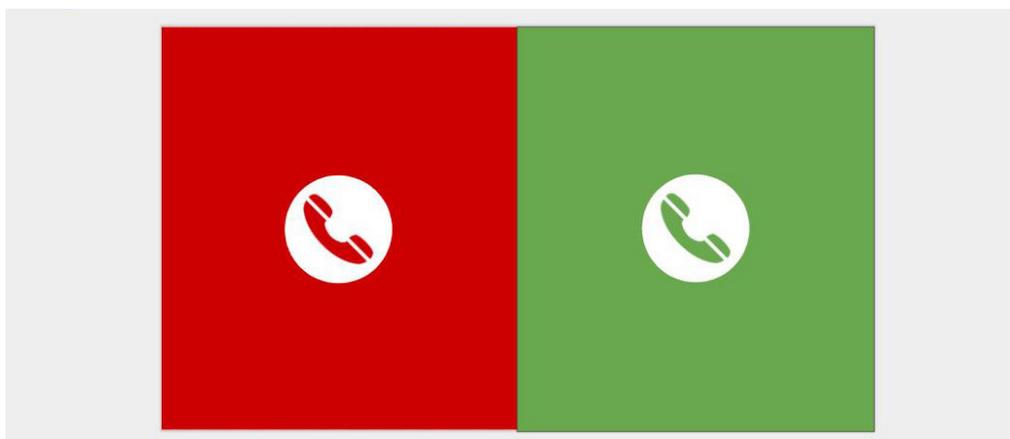


Imagem 2 - Slide da primeira experiência com as mulheres sobre atender e recusar chamada com foco na significância das cores

Para Santaella (1983, p.23), “a partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro”. Ou seja, partindo da simbologia das cores e o significado dos ícones dos *smartphones* é mais fácil gerar uma associação, pois quem os lê, entende o sentido real do objeto através de outro signo que é criado em sua mente.

Para a autora, os signos podem ser interpretados de várias formas, inclusive através de experiências concretas ou ações, por isso, além dessas estratégias adotadas pela turma de 2017, outro símbolo foi acrescentado: a persona Dona Maria. A personagem passa por situações comuns às mulheres do Brilho da Lua e assim propõe durante as oficinas resolver, junto às participantes, problemas que surgem no cotidiano relacionados ao uso dos dispositivos móveis.

Os *slides* foram reformulados para que essa associação dos ícones com os objetos do dia a dia fosse mostrada e a inserção da história da Dona Maria no roteiro da oficina também foi adicionada, como mostram as imagens a seguir.

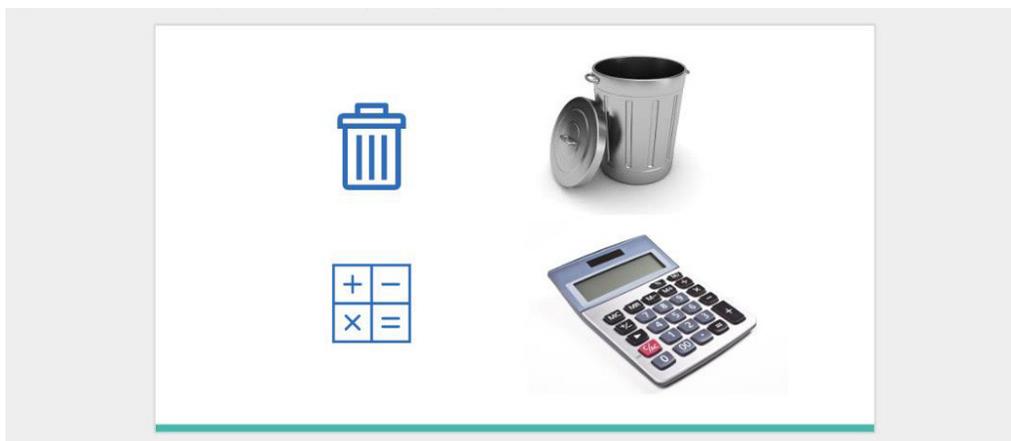


Figura 3 - Slide reformulado mostrando o ícone do smartphone e os respectivos objetos reais que o correspondem. Fonte: arquivo pessoal



Figura 4 - Slide mostrando uma situação cotidiana de Dona Maria. Fonte: arquivo pessoal

Dessa forma, as atividades práticas eram colocadas para as mulheres através da Dona Maria. A cada exercício era estipulado um tempo para ser praticado com a ajuda de um tutor individual sendo possível sanar as dúvidas específicas que surgiam. Essa assistência individualizada permitia também uma aproximação maior entre o tutor e a participante pois entre um exercício e outro surgiam assuntos sobre a família, a produção artesã e até mesmo sobre outras funções do celular que não tinham sido abordadas nas oficinas ainda. Algumas mulheres chegaram a adotar seu tutor para acompanhá-las em todos os encontros.

Os encontros tinham duração de 2h. O tempo de 1h30min foi destinado às explicações práticas e os 30min restante foram usados para conversar sobre comportamentos na internet como privacidade de informações pessoais, como identificar notícias falsas e o que deve ser compartilhado ou não. Esses debates foram necessários pois com a inserção na cultura digital, é preciso ir além do instrumento ou da técnica pela técnica, é preciso se atentar ao senso crítico para distinguir o que é verdadeiro e o que não é, o que pode ou não ser perigoso.



Figura 5 - Turma das oficinas de letramento digital. Cada participante com um aluno da disciplina de Educomunicação ou voluntário. Fonte: arquivo pessoal

Na primeira experiência com o grupo, foi elaborada uma cartilha com os principais pontos abordados nas oficinas para se entregue no último encontro. Assim, quando tivessem alguma dúvida poderiam consultá-la. A produção também foi feita pelos alunos da disciplina de Educomunicação com supervisão das professoras e com a criação de equipes de coordenação, conteúdo, *design* gráfico e diagramação. A preocupação principal era abordar os assuntos de forma clara, visual, sem muitos textos e valorizando o passo a passo, usando uma linguagem simples e direta, pois como algumas tinham dificuldade para ler, não era vantajoso envolvê-las numa narrativa mais elaborada.

O que dizem as Mulheres do Brilho da Lua?

Para Freire (1996) é escutando que aprendemos a ir ao encontro do outro e não só o ato de aprender exige escuta, mas também o ato de ensinar. Para adequar as oficinas as necessidades do grupo, era necessário saber o que estava dando certo ou não, o que poderia melhorar e como aquilo que elas estavam aprendendo estava impactando em seus cotidianos, ou seja, ouvi-las no sentido amplo, colher respostas subjetivas. Portanto, depois dos encontros, foram feitas entrevistas com sete mulheres do grupo - seis em entrevista estruturada e uma em entrevista aberta - que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Segundo Boni e Quaresma (2005), a técnica da entrevista é a mais usada para coletar dados em trabalhos de campo pois só assim os dados subjetivos como valores, atitudes e as opiniões dos sujeitos podem ser obtidos.

1. Participação em cursos digitais

De todas as entrevistadas, nenhuma havia participado, até então, de algum curso de inclusão digital. Apesar de todas possuírem celulares, *smartphones* ou não, quase nenhuma tinha facilidade para usar o seu aparelho. Eram auxiliados pelos filhos, filhas, netos ou netas, porém se queixavam pela falta de paciência que tinham na maioria das vezes. Isso também é expresso na fala da entrevistada 6, ao relatar que “com essa tecnologia avançada, as crianças é que acabam ensinando a gente. Os filhos e os netos não têm paciência para

nos ensinar e até brincam dizendo ‘ah mãezinha, se não sabe mexer no celular, não fique mexendo’”. No relatório de 2017 do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), mostra o motivo de usuários nunca terem utilizado a internet, por faixa etária e motivo declarado. Os dados estão exibidos no gráfico abaixo.

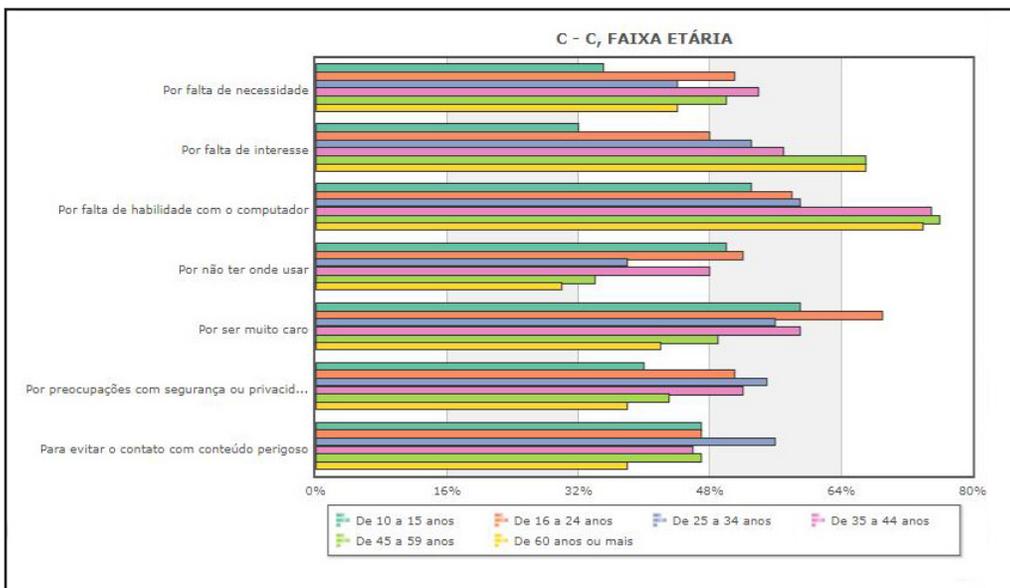


Gráfico 1 - Usuários que nunca utilizaram a internet por motivos declarados, 2017.

Fonte: Cetic.br - TIC Domicílios 2017

Nota-se que na faixa etária de 60 anos ou mais, os principais motivos são a falta de habilidade com o computador e em segundo lugar a falta de interesse. Como já citado, esse direito de inclusão digital ao idoso está garantido pela lei e, portanto, práticas como oficinas de letramento digital devem fazer parte de políticas públicas voltadas ao idoso. Porém, não adianta estas se basearem na compra de equipamentos.

Levy (2000) defende que o acesso para todos não seja pensando em munir os usuários de equipamentos tecnológicos, mas sim torná-los aptos a participarem dos processos de inteligência coletiva onde os instrumentos valorizam “a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua” que visem a autonomia do sujeito.

2. A importância das oficinas de letramento digital

Quando questionadas sobre o porquê da importância do curso, todas retratam em suas falas a respeito do aprendizado e como tem facilitado algumas tarefas. A entrevistada 3 diz “pra mim foi muito bom né, aprender a fazer as coisas, aprender a mexer no celular [...] enviar mensagem, recados, e a gente sabendo fica mais fácil”. A entrevistada 1 também coloca em sua fala que “a maior importância do curso está no aprendizado para as pessoas que não sabem mexer (no celular)”. A entrevistada 5 também diz que “todos nós somos analfabetas em alguma coisa, então eu acho que essa oportunidade de tirar as pessoas desse analfabetismo é uma oportunidade única, porque quem vai oferecer isso pra gente com essa idade né?!”.

É perceptível no último depoimento que acontece essa exclusão digital, principalmente pela faixa etária em que as participantes se encontram. A entrevistada 2 faz uma comparação de idade quando responde a essa pergunta ao dizer

“tô me achando uma menina. As adolescentes de hoje tão sempre ligadas na comunicação, não é isso? Nós, adultos, nessa idade, tô com 72 anos, eu não tenho mais aquela agilidade que tem uma jovem de 12, 13 anos, mas mesmo assim com a força de vontade e jovens ajudando, a gente chega lá.”

Para Kachar (2003), a idade mais avançada pode influenciar com perdas cognitivas que influenciam na absorção de conhecimento, mas não impede o domínio da tecnologia, basta que as formas de ensinar atenda às necessidades de aprender de cada um.

Bem como as necessidades de ofertas de tipos de serviços que se adequem a realidades diferentes. Além do aprendizado, a entrevistada 7 ressalta a importância da gratuidade do serviço: “pra mim foi bom, assim, porque a gente é uma população pobre, né?! Não tinha condições de pagar um curso desse, né?! E a UFC deu gratuito, né, pra gente. E por isso foi melhor ainda”. Não basta que se tenha equipamentos e se tenha formações críticas se o serviço não for acessível à população.

3. Ferramentas aprendidas que impactaram no dia a dia

O aprendizado citado como motivo de muita importância das oficinas no tópico anterior, se deve ao impacto que gerou no cotidiano de cada uma. A pesquisa TIC Domicílios 2017 do Cetic.br mostra que na faixa etária de 60 anos ou mais a atividade mais realizada em telefones celulares é a de realizar ligações em primeiro lugar e enviar mensagens em segundo lugar. Mas quando perguntadas sobre o que gostariam ou gostaram de aprender, as ligações não aparecem em nenhuma das respostas e enviar mensagens apenas quando é citado o envio via Whatsapp.

Assim, a maioria das respostas se voltam para as redes sociais e o compartilhamento de fotografias. A participante 4 relata “eu já melhorei bastante nas postagens, no ‘zatzapi’” e participante 6 também conta sua experiência com as mensagens: “eu até já aprendi por meio do curso a mandar mensagens, acessar a internet”, “agora eu sei apagar as mensagens, eu vou até aos três pontinhos e apago porque o meu celular fica pesado de mensagens”.

A entrevistada 1 fala como o aprendizado do uso das redes sociais ajudaram nas suas vendas diz “aprendi a colocar (fotos das) minhas bonecas em grupos do Facebook”, “melhorou bastante as encomendas depois que botei fotos (das bonecas) no Facebook e na OLX, ontem mesmo peguei uma (encomenda) pelo Facebook”. Para a entrevistada 2, essa facilidade também é expressa na sua resposta: “uma amiga minha queria uma rede e queria ver a qualidade da rede, o tamanho...e eu fui e fotografei e mandei. Ela me disse a cor que queria e isso já facilitou meu trabalho”. A mesma também fala sobre registrar referências para o seu trabalho: “um dia desses eu fui visitar uma amiga minha e ela tinha uma boneca diferente que ainda não tinha feito e eu imediatamente fui lá e bati uma foto”.

Para além do compartilhamento de imagens, o Whatsapp também serviu para a entrevistada 2 como forma de facilitar na hora da compra em farmácia, em sua fala narra:

“um dia desses eu quis comprar um remédio e eu não sabia ler o que o médico escreveu e a moça disse assim: ‘senhora, não tem o meu Whatsapp?’ e me deu o número do Whatsapp da farmácia. ‘A senhora tira foto e manda pra mim’ e não foi útil? Eu tirei a foto,

coloquei no ‘zap’ da farmácia e ela leu o nome lá e eu pedi que mandasse o remédio e ela mandou e eu paguei em casa”.

A inclusão digital também pode beneficiar em cuidados maiores com idosos, até mesmo aumentar a proximidade e atenção com quem está mais longe e isso é colocado em outra fala da entrevistada 2, ela diz “agora eu to mais segura, já saio e me comunico com o povo de casa pelo ‘zap’, pelo contato e já tô verificando também até o face (Facebook)”.

Em segundo lugar, foram mencionados com mais frequência aplicativos do tipo utilitários como calculadora, lanterna e despertador.

4. Sobre o acompanhamento durante as oficinas e recursos utilizados

A abordagem da associação dos símbolos (Santaella, 1998) utilizada como forma de facilitar o aprendizado das funções que por eles são representadas foi mencionada no discurso da entrevistada 2 como importante: “de primeiro eu via os sinais e não entendia o que era aquilo ali, o que significava os símbolos e hoje não, já tô mais segura dos símbolos” e “eu não sabia qual era o símbolo da lanterna”. Também mencionou sobre a personagem Dona Maria: “eu gostei da história da Dona Maria pra poder assimilar, lembrar”. A participante conta que tem Alzheimer, mas também se utiliza dos símbolos para fazer suas anotações: “boto símbolos para facilitar, pra eu puder não ter tanta dificuldade”.

Também foi mencionado em todas as entrevistas a gratidão pela atenção e paciência. O acompanhamento individual oferecido na maioria dos encontros tornou possível potencializar o aprendizado e proporcionar um espaço mais acolhedor. Isso se traduz em algumas respostas como: “os alunos foram muito prestativos” (entrevistada 1), “vocês tinham muita paciência” (entrevistada 3) e “gostei muito desse acolhimento, da atenção que vocês tem com a gente, vim com as minhas amigas e fiquei até com um pouco de ciúmes” (entrevistada 6).

A cartilha também se mostrou eficiente quando era necessário realizar funções em casa, pois foi a fonte recorrida por elas e isso é manifestado em suas respostas: “um dia desses eu tava com dúvida aqui e eu não vou perguntar pra ninguém não. Eu vou ta estudando, se eu tô estudando é pra isso. Eu vim na cartilha [...] Quando eu recebi essa cartilha ainda tava com dúvidas, eu vim na cartilha e tirei”.

Considerações finais

Os dados do IBGE apontam que a população idosa aumenta a cada ano, bem como a importância das TICs no desenvolvimento econômico, social e cultural (IBGE, 2009). Porém, esse tipo de desenvolvimento não é possível para a população idosa sem políticas públicas que possa favorecê-los. As oficinas de letramento digital passam a contribuir nesse sentido visto que foi observado, por meio dos depoimentos, que essa inclusão digital possibilita uma autonomia e até mesmo uma inclusão social através de novas formas de se comunicar e ter acesso a novos conhecimentos.

Ao longo das entrevistas, percebe-se que os encontros foram de grande importância para cada uma delas, mas não só pelo aprendizado, também pelas abordagens e metodologias utilizadas, tornando prazerosa e proveitosa a aprendizagem. Depois de um ano de projeto, as oficinas continuarão, seguindo o ritmo de aprendizado das mulheres do grupo que por hora, já desejam avançar suas habilidades e convidar mais pessoas para se beneficiarem. Os desafios a serem enfrentados estão na conciliação dos níveis diferentes de aprendizado, visto que teremos algumas novatas e outras mais avançadas, com o curto tempo disponível pela disciplina.

Referências

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. em Tese, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p.68-80, 2005.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**, Câmara dos Deputados, Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF.

DEMO, Pedro. (2005). **Inclusão digital – cada vez mais no centro da inclusão social**. Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 1, p.36-38.

FACUNDO, Vitória; SANTOS, Raissa dos. **Mulheres de Todas as Cores que têm o Brilho da Lua: letramento digital para inclusão digital e desenvolvimento econômico**. In: CONGRESSO IN-

TERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, 1., 2018, Rio de Janeiro. Anais... . Rio de Janeiro: Cpdoc/fgv, 2018. v. 1, p. 164 - 169.

FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano de et al. **Metodologia de oficinas pedagógicas: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes**. Extensão Cidadã, Paraíba, v. 6, n. 1, p.1-12, 2006.

FORTALEZA 2040. Instituto de Planejamento de Fortaleza. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Relatório das Zeis: Comitê Técnico Intersectorial e Comunitário das ZEIS**. Fortaleza: Iplanfor, 2015. 217 p.

FREINET, Célestin. **Ensaio da Psicologia Sensível**. São Paulo: Martins Fontes Wmf, 1998. 392 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p.

KACHAR, V. **Terceira Idade & Informática: Aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez; 2003.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v. 19, n. 1, p.20-28, abr. 2002.

MORIN, E. (2011). **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

REVISTA FORTALEZA 2040. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, v. 2, n. 1, 2015.

SALGUEIRO, Pedro. **Pici: Dos velhos sítios à periferia**. Fortaleza: Coleção Pajeú, 2014. 87 p.

SAMPAIO, Leonardo; VASCONCELOS, Lúcia. **História das Mulheres de Todas as Cores que têm o Brilho da Lua – 1992-2015**. 2015. Disponível em: <<http://https://goo.gl/kUKr4e>>. Acesso em: 08 out. 2018

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2001. 80 p.

Sobre a autora

Vitória Facundo é graduanda em Sistemas e Mídias Digitais na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza - CE. Atualmente é monitora da disciplina de Educomunicação, estagiária de comunicação da equipe do Plano Estratégico Ceará 2050 e voluntária no Projeto de Extensão Media Day que leva oficinas sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação à escolas públicas do estado do Ceará.. Participou do Programa de Estímulo à Cooperação nas Escolas (PRECE) durante dois anos. Email para contato: vitoriafacundom@gmail.com